

O HISTORIADOR E SUA RELAÇÃO COM O CINEMA

Luciana Pinto

1. Introdução

Desde o início da Escola dos Anais, na França, os objetos de estudo da História vêm se modificando, exigindo novas fontes documentais que dêem conta desses novos temas e fazendo com que o conceito de documento seja ampliado. É nesse processo de ampliação das fontes que as imagens, em suas variadas formas de apresentação, no caso deste ensaio – os filmes, têm alcançado espaço na historiografia recente.

As novas tecnologias de informação e comunicação alteram a vida cotidiana dos indivíduos, bem como seu universo mental e mesmo material. Isso está levando o homem desse início de século a se utilizar destas novas tecnologias para obter informações e não há dúvidas que o audiovisual é uma das principais fontes de conhecimento histórico para grande parte da população.

Como os historiadores têm se comportado diante dessas inovações? Já se conscientizaram de que a possibilidade de construir discursos sobre o passado vai além dos limites impostos pela escrita? Qual a relação do historiador com a imagem, em particular o cinema? Estas, entre outras, são algumas perguntas norteadoras deste texto as quais pretendemos responder, apesar das limitações documentais sobre o assunto e, até mesmo, o acesso a elas.

2. Breve história das imagens

No livro, *Breve Cronologia do Cinema*, o autor mostra que, desde os primórdios, o Homem já tinha uma preocupação em estudar o movimento. Encontramos registros de desenhos rupestres nas grutas de Altamira (na Espanha) que datam de 12.000 a.C. Mais adiante, as civilizações egípcias e



babilônicas aprofundam seus conhecimentos sobre a luz e sombra e, em 347, o Egito já tinha conhecimento da *câmera escura*. Em nossa era, um monge franciscano, Roger Bacon, redescobre e faz estudos sobre a *câmera escura* sendo, por isso, acusado de bruxaria.

O interesse do homem continua se intensificando e cada vez novas descobertas são feitas com o desejo de se colocar imagens em movimento. Em 1779, o médico Marat faz uma projeção da imagem de insetos vivos sobre uma tela usando um microscópio solar. No século XIX, começam a surgir os primeiros ensaios de Niepce sobre a fotografia que, no final deste mesmo século, vai ser colocada em movimento pelos irmãos Lumière.



Irmãos Lumière.

O cinema surge em resposta às tentativas de se colocar as imagens em movimento e que é alcançado pelo cinematógrafo dos irmãos Lumière. A primeira exibição pública ocorreu em 28 de dezembro de 1895, em Paris. Os filmes exibidos eram bem curtos, filmados em preto e branco e sem som como, por exemplo, *A chegada do trem na estação civil Cistat* e *A saída dos operários das usinas Lumière*. Seus próprios fundadores não acreditavam que essa nova invenção tivesse futuro

como espetáculo, achavam que logo as pessoas se cansariam. Enganaram-se, pois essa invenção foi cada vez mais se aprimorando, tornando-se instrumento de propaganda política, formador de ideologias.

A criação da máquina cinematográfica foi uma invenção da burguesia triunfante que desde a Revolução Industrial estava transformando a sociedade, as relações de trabalho, de produção. Ela se preocupava com a utilização de instrumentos que facilitassem seu domínio cultural, ideológico e encontrou isso com o cinema.



3. Relação entre historiador e cinema

Apesar de mais de um século de existência do cinema ainda são recentes os trabalhos mais aprofundados sobre sua relação com a história. O pioneirismo destes estudos é atribuído ao historiador Marc Ferro, com a École de Ferro, que, na década de 60, começa a difundir e legitimar o uso do cinema nas academias historiográficas. Além de Ferro, Siegfried Kracauer, foi o primeiro a tratar o cinema como utilização de investigação histórica tendo como uma de suas principais obras traduzidas para o português o livro *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*.

O historiador como cientista social não pode se manter alheio à influência que a imagem tem na sociedade, pois corre o risco de ficar fora da realidade do processo histórico em curso. Segundo a historiadora Cristiane Nova, nas últimas três décadas do século XX, foram produzidos vários trabalhos que relacionam imagem-história: a história da imagem; a imagem como agente da história; a imagem como testemunho (documento) do presente; a imagem como modalidade de discursos sobre o passado; a produção de discursos audiovisuais como meio de expressão do historiador; a utilização das imagens no ensino da história¹, porém esses estudos não têm alcançado uma quantidade significativa de historiadores. Como exemplo pode ser citada a Universidade Federal da Bahia, excetuando-se as publicações da Oficina Cinema-História, as únicas obras encontradas em suas bibliotecas são dois livros de Marc Ferro: *Cinema e História* e *A História Viglada* (deste, apenas um capítulo).

O cinema enquanto objeto de estudo, conhecimento e informação pode ser analisado, de acordo com Antonio Costa², da seguinte forma:

¹ NOVA, Cristiane. A 'História' diante dos desafios imagéticos. In: *Revista Projeto História*. 2000, p. 144-145.

² COSTA, Antonio. *Compreender o Cinema*. 1989. p. 27.



- A. A história no cinema:** analisa os filmes enquanto fontes de documentação histórica e meios de representação da história com a possibilidade de utilizá-los em conjunto com outras fontes.
- B. O cinema na história:** analisa a repercussão que os filmes alcançam na sociedade, podendo assumir um papel importante no campo da propaganda política e na difusão de ideologias.

Muitos historiadores tradicionais ainda rejeitam a idéia de utilizar o filme como fonte documental de pesquisa em virtude do caráter mais espontâneo que este possui em relação aos documentos escritos. Esta concepção ainda é resquício do positivismo, do fetichismo atribuído aos documentos escritos como sendo o único detentor da ‘verdade histórica’. Abordando essa questão, Rosenstone diz que é preciso: “Reconhecer que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica, da verdade escrita.” (1998, p. 115)

A escrita não vai desaparecer como forma de expressão de um acontecimento passado, porém o historiador precisa se dar conta de que ela não é a via exclusiva de abordagem e que, portanto, deve estar preparado para as novas possibilidades. Não esquecendo que cada uma delas possui particularidades:

As películas nos permitem contemplar paisagens, ouvir ruídos, sentir emoções, através dos semblantes dos personagens ou assistir a conflitos individuais ou coletivos. Sem desdenhar do poder da palavra, deve-se defender a capacidade de reconstrução de outros meios. (ROSENSTONE, 1998. p. 110)

Uma outra dificuldade é o desejo que se tem que o audiovisual histórico seja fiel aos fatos históricos, esquecendo-se que o diretor do filme não é um historiador e a produção cinematográfica exige elementos que sejam atrativos



ao público. Com isso pode-se concluir que: “é impossível julgar uma película histórica com as normas que regem um texto, já que cada meio tem seus próprios e necessários elementos de representação.” (ROSENSTONE, 1998. p. 112)

4. O historiador e a análise do filme

Como já foi citado anteriormente por Ferro “todo filme é um documento” independente de seu tema central se remeter a um passado remoto ou imediato. E ele dirá tanto quanto for questionado, pois sempre vai além do seu conteúdo:

Toda imagem é histórica, na medida em que ela é produto de seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma indireta, sub-reptícia e muitas vezes inconsciente para quem a produziu, as ideologias, as mentalidades, os costumes, os rituais e os universos simbólicos do período em que foi produzido. (NÓVOA, NOVA. 1998, p. 10)

Para o historiador, os filmes que possui uma considerável importância são aqueles que trazem como temática um fato histórico; e seguindo a designação da historiadora Cristiane Nova, utilizaremos a denominação de “filme histórico”.

Sobre as possibilidades de se estudar o cinema, o historiador Marc Ferro apresenta duas vias de análise: como **testemunho do presente** (o filme lido através da história) ou como **discurso sobre o passado** (a história lida através do cinema). Neste aspecto, o filme é considerado como documento secundário; naquele, como documento primário. Ferro dá uma importância maior a análise feita do filme como documento primário, pois diz que mesmo que o filme tenha uma temática aparentemente centrada no passado fala muito mais do presente.

O filme não é uma reflexão direta e mecânica da sociedade, muitas vezes eles constroem uma contra-História, em virtude dele apresentar um novo ponto



de vista para a história, geralmente contradizendo a história tradicional e dominante, como afirma Ferro. Esses filmes geralmente são provenientes de sociedade que não dá liberdade à história e que, para se expressar, assume uma forma cinematográfica, algumas vezes também vem como complemento para a história escrita que é pouca difundida.

Para fazer a análise de um filme, o historiador precisará seguir alguns passos. Observemos o esquema apresentado por Cristiane Nova:

1. Seleção dos títulos a serem trabalhados, levando em consideração o objeto e objetivos da pesquisa.
2. Análise individual de cada filme que é feita baseando-se na sua crítica externa que se refere a todos os elementos relacionados a cronologia, censura, custos, público, produção, produtores.

Só após essa etapa, deve-se passar para a análise do conteúdo do filme que faz parte da crítica interna. Deve-se observar tudo o que foi colocado de forma explícita em todos os aspectos do filme; depois procura-se o que está presente implicitamente, aquilo que os produtores tencionavam passar, mas não o fizeram diretamente; por último, os elementos inconscientes existentes no filme.

Para que finalmente o filme se torne um documento historiográfico falta mais uma etapa que consiste na :

Comparação do conteúdo apreendido do filme com os conhecimentos histórico-sociológico acerca da sociedade que produziu o filme e com outros tipos de filme, para então sintetizar os pontos em que o filme reproduz esses conhecimentos e, por outro lado, os elementos novos que ele apresenta para a compreensão histórica da mesma (NOVA, 1996).

Os filmes se dividem em documentários e não-documentários. O primeiro geralmente se caracteriza por não possuir atores, não se basear numa trama e



buscar relatar, descrever ou analisar um acontecimento. Já os não-documentários são todos os outros filmes que possuem no enredo uma trama, uma história. Deve-se ressaltar que até mesmo os documentários não apresentam a própria realidade, pois são fruto de um trabalho de montagem, seleção e estruturação para só então serem apresentados ao público. Lembrando que eles apresentam uma visão da História e uma interpretação para o elemento histórico sobre o qual se debruça.

5. Conclusão

O cinema pode e deve se utilizado pelo historiador como fonte documental, esse novo campo não se constitui como algo melhor ou pior que nenhuma outra fonte existente e bem aceita entre os historiadores. É claro, assim como as demais fontes, o cinema possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao historiador se interar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo.

6. Bibliografia

ANTONACCI, Maria A. Martinez. Do cinema mudo ao falado: cenas da República de Weimar. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 5. 1998. p.126-152.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é o Cinema*. 11^a ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

COSTA, Antonio. *Compreender o Cinema*. 2^a ed. São Paulo: Globo, 1989.

KRACAUER, S. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.



NOBRE, F. Silva. *Breve Cronologia do Cinema*. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982.

NOVA, Cristiane. O Cinema e o Conhecimento da História. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.2, n. 3. 1996.

_____ A “História” diante dos desafios imagéticos. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, v.21, 2000. p. 141-163.

NOVÓA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). *Interfaces da história: caderno de textos*. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.

NOVÓA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 1. 1998. p. 105-116

ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 5. 1998. p. 105-116.

